

# Bertolt Brecht

## Teatro Completo

3

3

### Próximo volume

Teatro Completo 4

Santa Joana dos Matadouros

A mãe

Os sete pecados mortais dos pequenos burgueses



ISBN 85-219-0748-6



B. Brecht / Teatro Completo



# Bertolt Brecht

## Teatro Completo

3

A ópera de três vinténs

Ascensão e queda da cidade de Mahagonny

O vôo sobre o oceano

A peça didática de Baden-Baden sobre o acordo

Aquele que diz sim e aquele que diz não

A decisão

3ª Edição



PAZ E TERRA

Vocês ouvirão  
O relato do primeiro vôo sobre o oceano,  
Em maio de 1927. Um jovem  
O realizou. Ele triunfou  
Sobre a tempestade, o gelo e as águas vorazes. Entretanto,  
Que seu nome seja apagado; pois  
Ele, que se orientou por sobre águas extraviadoras,  
Perdeu-se no pântano de nossas cidades. Tempestade e gelo  
Não o venceram, mas seu semelhante  
O venceu. Uma década  
De glória e de riqueza e o miserável  
Ensinou os carrascos de Hitler  
A pilotar bombardeiros mortíferos. Por isso,  
Seja apagado seu nome. Mas  
Lembrem-se: nem a coragem nem o conhecimento  
Dos motores e das cartas náuticas inscrevem o anti-social  
Na epopéia.

#### NOTA

No caderno I dos *Versuche* (Ensaios), *O vôo sobre o oceano* termina com o "Relato do inatingível", onde se lê no final: "Sem nos deixar esquecer o inatingível". Numa nota de rodapé no início da *Peça didática de Baden-Baden sobre o acordo*, Brecht recomenda: "No primeiro *Ensaio*, a colocação da palavra 'inatingível' não está correta. Deve-se corrigi-la para: 'O que ainda não foi alcançado' ". De acordo com esta nota de Brecht, a linha em questão e o título correspondente foram alterados. Portanto a nota de rodapé da *Peça didática de Baden-Baden* pode ser dispensada.

## A peça didática de Baden-Baden sobre o acordo

Das Badener Lehrstück vom Einverständnis

Escrito em 1929

Estréia: 28.7.1929 em Baden-Baden

Tradução: Fernando Peixoto

Colaboradores: S. Dudow, E. Hauptmann

PERSONAGENS:

- O AVIADOR
- OS TRÊS MECÂNICOS
- O LÍDER DO CORO (CHANTRE)
- O NARRADOR
- TRÊS PALHAÇOS
- O CORO

Ao fundo de um estrado, cujo tamanho depende do número de participantes, está o Coro. À esquerda, a orquestra; também à esquerda, em primeiro plano, uma mesa, na qual estão sentados o regente dos músicos e dos cantores, o Líder do Coro (chante) e o Narrador. Os cantores que interpretam os Quatro Aviadores Acidentados estão sentados num banco de escola, no primeiro plano à direita. Para maior clareza de cena é possível colocar, no estrado ou ao lado deste, os escombros de um avião.

## 1

### RELATÓRIO DO VÔO

OS QUATRO AVIADORES *relatam* — No tempo em que a humanidade

Começava a se conhecer,

Nós construimos aviões,

Com madeira, ferro e vidro,

E atravessamos os ares voando;

Por sinal, com uma velocidade

Superior em mais do dobro à do furacão.

E na verdade nossos motores eram

Mais fortes que cem cavalos, mas

Menores que cada um deles.

Durante mil anos tudo caiu de cima para baixo,

Com exceção dos pássaros.

Nem mesmo nas mais antigas pedras

Encontramos qualquer testemunho

De que algum homem

Tenha atravessado os ares voando.

Mas nós nos erguemos.

Próximo ao fim do segundo milênio de nossa era

Ergueu-se nossa

Ingenuidade de aço,

Mostrando o que é possível  
Sem nos deixar esquecer:  
O que ainda não foi alcançado.

2

A QUEDA

O LÍDER DO CORO *fala aos Acidentados* — Não voem mais  
agora,  
Já não é necessário que se tornem mais velozes.  
O nível do solo  
Para vocês, agora,  
É suficientemente alto.  
Basta  
Que permaneçam imóveis,  
Não mais em cima, sobre nós,  
Não mais longe, a nossa frente,  
Não mais em sua carreira,  
Mas sim imóveis,  
Digam-nos quem são.

Os AVIADORES ACIDENTADOS *respondem* — Nós participamos  
dos trabalhos dos nossos camaradas.  
Nossos aviões se tornaram melhores,  
Voamos cada vez mais alto,  
O mar foi vencido,  
E eis que as montanhas já ficaram baixas.  
Fomos dominados pela febre  
Do petróleo e da construção de cidades.  
Nossos pensamentos eram máquinas e  
Luta pela velocidade.  
Com a luta esquecemos  
O nosso nome e o nosso rosto,  
E com a pressa da partida  
Esquecemos o objetivo de nossa partida.  
Mas nós lhes imploramos

Que venham ao nosso encontro e  
Que nos dêem água,  
E um travesseiro para apoiarmos nossa cabeça,  
E que nos ajudem, pois  
Não queremos morrer.

O CORO *dirigindo-se à Multidão* — Escutem: quatro  
homens  
Pedem seu socorro.  
Eles  
Voaram através dos ares e  
Caíram ao solo e  
Não querem morrer.  
Por isso pedem  
O seu socorro.  
Aqui temos  
Um cálice com água e  
Um travesseiro,  
Mas digam-nos  
Se devemos ou não ajudá-los.

A MULTIDÃO *responde ao Coro* — Sim.

O CORO *à Multidão* — Eles os ajudaram?

A MULTIDÃO — Não.

O NARRADOR *dirigindo-se à Multidão* — Sobre estes corpos,  
que já se esfriam, investigaremos se o homem costuma  
ajudar o homem.

3

INQUÉRITOS PARA SABER SE O HOMEM AJUDA O HOMEM

*Primeiro Inquérito.*

O LÍDER DO CORO *se adianta* — Um de nós atravessou o mar e  
Descobriu um novo continente.  
Mas muitos depois dele

Lá construíram grandes cidades com  
Muito esforço e inteligência.

O CORO *retruca* — Nem por isso o pão ficou mais barato.

O LÍDER DO CORO — Um de nós construiu uma máquina  
Cujo vapor aciona uma roda, e essa foi  
A mãe de muitas outras máquinas.  
Mas muitos trabalham nelas  
Todos os dias.

O CORO *retruca* — Nem por isso o pão ficou mais barato.

O LÍDER DO CORO — Muitos de nós meditaram  
Sobre o movimento da Terra ao redor do Sol, sobre  
O íntimo do homem, as leis  
Gerais, a composição do ar,  
E sobre os peixes abissais.  
E descobriram  
Grandes coisas.

O CORO *retruca* — Nem por isso o pão ficou mais barato.

Pelo contrário,  
A miséria aumentou em nossas cidades,  
E já há muito tempo  
Ninguém mais sabe o que é um homem.  
Por exemplo: enquanto vocês voavam, rastejava  
Pelo chão algo semelhante a vocês,  
Não como um homem!

O LÍDER DO CORO *dirigindo-se à Multidão* — Então, o ho-  
mem ajuda o homem?

A MULTIDÃO *responde* — Não.

### *Segundo Inquérito.*

O LÍDER DO CORO *dirigindo-se à Multidão* — Observem estas  
imagens e depois digam  
Que o homem ajuda o homem!

*Apresentam-se vinte fotografias que mostram como, em nossa  
época, os homens são massacrados pelos homens.*

A MULTIDÃO *grita* — O homem não ajuda o homem!

### *Terceiro Inquérito.*

O LÍDER DO CORO *dirigindo-se à Multidão* — Observem o  
nosso número de palhaços, no qual  
Homens ajudam um homem!

*Três palhaços de circo sobem ao estrado; um deles, chamado  
Sr. Schmitt, é um gigante. Eles falam em voz muito alta.*

PRIMEIRO — Uma bela noite esta, não é Sr. Schmitt?

SEGUNDO — O que o senhor diz da noite, senhor Schmitt?

SR. SCHMITT — Não acho bonita.

PRIMEIRO — O senhor não quer se sentar, senhor Schmitt?

SEGUNDO — Aqui está uma cadeira, senhor Schmitt. Por que  
o senhor não responde?

PRIMEIRO — Você não está vendo? O senhor Schmitt quer  
ficar olhando a lua.

SEGUNDO — Me diz uma coisa. Por que é que você está sem-  
pre puxando o saco do Sr. Schmitt? Isso incomoda o se-  
nhor Schmitt.

PRIMEIRO — Porque o senhor Schmitt é muito forte. É por  
isso que eu fico puxando o saco dele.

SEGUNDO — Eu também.

PRIMEIRO — Peça ao senhor Schmitt para que se sente aqui  
conosco.

SR. SCHMITT — Eu não me sinto bem hoje.

PRIMEIRO — Então o senhor tem que se distrair, senhor  
Schmitt.

SR. SCHMITT — Eu acho que eu não posso mais me distrair.

*Pausa.*

Como é que está a minha cara?

PRIMEIRO — Rosada, senhor Schmitt, sempre rosada.

SR. SCHMITT — Olhem, pois eu pensei que estava pálido.

PRIMEIRO — Isso é curioso. O senhor diz que pensou que estava pálido? Olhando para o senhor agora, não posso negar que eu também acho que o senhor está com o rosto pálido.

SEGUNDO — Já que o senhor está assim, senhor Schmitt, se eu fosse o senhor, eu me sentava.

SR. SCHMITT — Hoje eu não quero me sentar.

PRIMEIRO — Não, não. Não sente, de maneira nenhuma, é melhor ficar de pé.

SR. SCHMITT — Por que você acha que eu devo ficar de pé?

PRIMEIRO *para o Segundo* — Hoje ele não pode se sentar, porque senão ele é capaz de não conseguir se levantar nunca mais.

SR. SCHMITT — Meu Deus!

PRIMEIRO — Ouviu? Ele mesmo já está entendendo. Por isso o sr. Schmitt prefere ficar de pé.

SR. SCHMITT — Sabe, eu acho que o meu pé esquerdo está me doendo um pouco.

PRIMEIRO — Dói muito?

SR. SCHMITT *com dor* — Como?

PRIMEIRO — Dói muito?

SR. SCHMITT — Sim, dói bastante. . .

SEGUNDO — É de ficar em pé.

SR. SCHMITT — Bem, será que eu devo me sentar?

PRIMEIRO — Não, de jeito nenhum. Isso nós temos que evitar.

SEGUNDO — Se o seu pé esquerdo está doendo, só tem um remédio: fora com o pé esquerdo.

PRIMEIRO — E quanto mais rápido, melhor.

SR. SCHMITT — Bem, se vocês acham. . .

SEGUNDO — Claro.

*Serram-lhe o pé esquerdo.*

SR. SCHMITT — Uma bengala, por favor.

*Dão a ele uma bengala.*

PRIMEIRO — E agora, está conseguindo ficar de pé, senhor Schmitt?

SR. SCHMITT — Sim, do lado esquerdo. Mas vocês têm que me devolver o pé. Eu não gostaria de perdê-lo.

PRIMEIRO — Pois não, se o senhor não confia. . .

SEGUNDO — A gente também podia ir andando. . .

SR. SCHMITT — Não, não. Agora vocês têm que ficar aqui, porque eu não posso mais andar sozinho.

PRIMEIRO — Aqui está o pé.

*O senhor Schmitt segura o pé debaixo do braço.*

SR. SCHMITT — Agora, a minha bengala caiu.

SEGUNDO — Em compensação, o senhor já tem o seu pé de volta.

*Os dois riem ruidosamente.*

SR. SCHMITT — Agora eu não posso ficar de pé mesmo. E é claro que agora a outra perna também começa a doer.

PRIMEIRO — Sem dúvida.

SR. SCHMITT — Eu não queria incomodar vocês mais do que o necessário, mas sem a bengala eu não posso me arranjar.

SEGUNDO — Em vez de pegarmos a bengala, fariamos melhor em serrar a outra perna, que lhe dói tanto.

SR. SCHMITT — É. Talvez melhore assim.

*Serram a outra perna. O senhor Schmitt cai.*

SR. SCHMITT — Agora eu não consigo mais me levantar.

PRIMEIRO — Isso é horrível. E era justamente isso que nós queríamos evitar: que o senhor se sentasse.

SR. SCHMITT — O quê?

SEGUNDO — O senhor não consegue mais se levantar, senhor Schmitt.

SR. SCHMITT — Não me digam isso, isso me dói.

SEGUNDO — O que é que eu não devo mais dizer?

SR. SCHMITT — Isso...

SEGUNDO — Que o senhor não consegue mais se levantar?

SR. SCHMITT — Você não pode calar a boca?

SEGUNDO — Não, senhor Schmitt. Mas eu posso desatarraxar a sua orelha esquerda, para que assim o senhor não me ouça quando eu disser que o senhor não consegue se levantar.

SR. SCHMITT — É, talvez seja melhor.

*Eles desatarraxam sua orelha esquerda.*

SR. SCHMITT *para o Primeiro* — Agora eu só posso escutar você. O Segundo *passa para o outro lado*. Por favor, a orelha! Furioso. E por favor, me dêem também a segunda perna, que está me faltando. Isso não é jeito de tratar um homem doente. Devolvam imediatamente os membros extraviados a mim, seu legítimo proprietário. *Colocam a outra perna debaixo do braço do Sr. Schmitt e põem a orelha no seu colo*. E tem mais, se vocês pretendem fazer hora com a minha cara, vocês estão completamente... O que é que está havendo agora com o meu braço?

SEGUNDO — Deve ser porque o senhor está carregando toda essa tralha aí!

SR. SCHMITT *baixo* — Claro. Vocês poderiam me aliviar dela?

SEGUNDO — Ora, a gente podia era tirar logo o braço todo, o que seria bem melhor.

SR. SCHMITT — Bem, por favor, se vocês acham...

SEGUNDO — Claro.

*Serram-lhe o braço esquerdo.*

SR. SCHMITT — Obrigado. Vocês estão se incomodando demais comigo.

PRIMEIRO — Bom, senhor Schmitt, aqui está tudo o que lhe pertence. Ninguém mais lhe tira.

*Põem no seu colo todos os membros que lhe foram arrancados. O Sr. Schmitt os observa.*

SR. SCHMITT — É estranho, estou com uns pensamentos tão desagradáveis na cabeça. Por favor — *ao Primeiro* — diga-me alguma coisa agradável.

PRIMEIRO — Com prazer, senhor Schmitt, o senhor quer ouvir uma história? Dois homens saem de uma taberna. Ai, eles começam a brigar e a atirar bosta de cavalo um no outro. Um deles acerta com a bosta na boca do outro, ao que este diz: "Pois bem, esta vai ficar aqui, até a polícia chegar".

*O Segundo ri, mas o senhor Schmitt não ri.*

SR. SCHMITT — Esta não é uma história bonita. Você não podia me contar uma história bonita? Como eu já disse, estou com uns pensamentos desagradáveis na cabeça.

PRIMEIRO — Não, senhor Schmitt, infelizmente, fora essa história eu não sei contar mais nenhuma.

SEGUNDO — Ora, a gente podia era serrar logo a sua cabeça, já que o senhor está com pensamentos esquisitos dentro dela.

SR. SCHMITT — Sim, por favor, talvez isso ajude.

*Eles lhe serram a parte superior da cabeça.*

PRIMEIRO — Como está se sentindo agora, senhor Schmitt? Mais aliviado?

SR. SCHMITT — Sim, muito mais. Agora eu me sinto muito mais aliviado. Só que estou com muito frio na cabeça.



SEGUNDO — Então ponha o chapéu. *Grita.* Ponha o chapéu!

SR. SCHMITT — Não consigo pegá-lo.

SEGUNDO — O senhor quer a bengala?

SR. SCHMITT — Sim, por favor. *Tenta pescar o chapéu com a bengala.* Agora, a bengala caiu e eu não consigo alcançar o chapéu. Estou sentindo muito frio.

SEGUNDO — E se nós desatarraxássemos a cabeça?

SR. SCHMITT — Bem, eu não sei. . .

PRIMEIRO — Claro. . .

SR. SCHMITT — Realmente, eu já não sei mais nada.

SEGUNDO — Por isso mesmo.

*Desatarraxam-lhe a cabeça. O senhor Schmitt cai de costas.*

SR. SCHMITT — Esperem! Um de vocês precisa pôr a mão na minha testa.

PRIMEIRO — Onde?

SEGUNDO — Um de vocês precisa segurar minha mão.

PRIMEIRO — Onde?

SEGUNDO — O senhor agora se sente mais aliviado, senhor Schmitt?

SR. SCHMITT — Não. O problema é que eu estou deitado de costas sobre uma pedra.

SEGUNDO — Ora, senhor Schmitt, também não se pode ter tudo.

*Os dois riem ruidosamente. Fim do número dos palhaços.*

A MULTIDÃO *grita* — O homem não ajuda o homem.

O LÍDER DO CORO — Devemos rasgar o travesseiro?

A MULTIDÃO — Sim.

O LÍDER DO CORO — Devemos jogar fora a água?

A MULTIDÃO — Sim.

#### 4

A RECUSA DA AJUDA

O CORO — Quer dizer então que eles não devem ser ajudados.  
Rasgaremos o travesseiro e  
Jogaremos fora a água.

*O Narrador rasga o travesseiro e joga fora a água.*

A MULTIDÃO *lê para si mesmo* — Certamente vocês já observaram

A ajuda em mais de um lugar,  
Sob diferentes formas. Gerada por um estado de coisas  
Que ainda não conseguimos dispensar:

A violência.

Contudo, nós os aconselhamos a enfrentar

A cruel realidade

Com uma crueldade ainda maior. E,

Abandonando o estado de coisas que gera a necessidade,  
Abandonem a necessidade. Portanto

Não contem com ajuda:

Recusar a ajuda supõe a violência.

Obter ajuda também supõe a violência.

Enquanto a violência impera, a ajuda poderá ser recusada.  
Quando não mais imperar a violência, a ajuda não mais  
será

Necessária.

Por isso, em vez de reclamar ajuda, é preciso abolir a  
violência.

Ajuda e violência constituem um todo,

E é este todo que é preciso transformar.

#### 5

A DELIBERAÇÃO

O AVIADOR ACIDENTADO — Camaradas, nós  
Vamos morrer.

OS TRÊS MECÂNICOS ACIDENTADOS — Nós sabemos que vamos morrer, mas  
E você, sabe?  
Ouça, então:  
Você morrerá de qualquer jeito.  
Sua vida é arrancada.  
Seu mérito é apagado.  
Você morrerá por si mesmo.  
Ninguém olhará para você.  
Finalmente, você morrerá.  
E assim também nós morreremos.

6

#### CONTEMPLAÇÃO DOS MORTOS

O NARRADOR — Contemplem os mortos!

*Mostram-se dez grandes fotografias de mortos. Logo depois, diz o Narrador: "Segunda Contemplação dos Mortos", mostram-se mais uma vez as mesmas fotografias.*

*Depois de terem contemplado os mortos, os Acidentados começam a gritar:*

OS ACIDENTADOS — Nós não podemos morrer!

7

#### LEITURA DOS COMENTÁRIOS

O CORO *dirigindo-se aos Acidentados* — Não podemos ajudá-los,  
Apenas uma indicação,  
Apenas uma atitude,  
Podemos lhes dar.  
Morram, mas aprendam.  
Aprendam, mas não aprendam errado.

OS ACIDENTADOS — Não nos resta muito tempo,  
Não podemos aprender muito mais.

O CORO — Se vocês têm pouco tempo,  
Têm tempo o suficiente,  
Porque é fácil aprender o certo.

*O Narrador destaca-se do Coro com um livro. Aproxima-se dos Acidentados, senta-se e lê trechos do comentário.*

O NARRADOR — 1. Quem arranca algo, segurará algo. E a quem algo é arrancado, também ele o segurará. E quem segura algo, dele algo será arrancado.

Aquele de nós que morre, abandona o quê? Não abandona apenas a sua mesa ou a sua cama! Aquele de nós que morre, também sabe: abandono tudo o que existe e dou mais do que tenho. Aquele de nós que morre, abandona a rua que conhece e também a que não conhece. As riquezas que possui e também as que não possui. A própria miséria. A sua própria mão. Como então, quem não estiver exercitado nisso, poderá levantar uma pedra? Como poderá levantar uma grande pedra? Como, quem não estiver exercitado no abandono, abandonará a sua mesa? Ou como abandonará tudo aquilo que possui e também o que não possui? A rua que conhece e também a que não conhece? As riquezas que possui e também as que não possui? A própria miséria? A sua própria mão?

2. Quando o Pensador se viu numa violenta tempestade, estava sentado num grande veículo e ocupava muito espaço. A primeira coisa que fez foi sair do veículo, a segunda foi tirar seu casaco, a terceira foi deitar-se no chão. Assim ele venceu a tempestade reduzido à sua menor dimensão.

OS ACIDENTADOS *perguntam ao Narrador* — E assim ele sobreviveu à tempestade?

O NARRADOR — Reduzido à sua menor dimensão, ele sobreviveu à tempestade.

OS ACIDENTADOS — Reduzido à sua menor dimensão, ele sobreviveu à tempestade.

O NARRADOR — 3. Para ajudar um homem a aceitar a morte, o Pensador interveniente pediu-lhe que se despojasse de todos os seus bens. Depois de ter abandonado tudo, ao homem só restava a vida. Abandona mais uma coisa, disse-lhe o Pensador.

4. Se o Pensador venceu a tempestade, venceu-a porque conhecia a tempestade e estava de acordo com a tempestade. Portanto, se quiserem superar a morte, é preciso conhecer a morte e estar de acordo com a morte. Mas aquele que procura o acordo deverá preferir a pobreza. Não deve estar preso às coisas! As coisas podem ser tiradas e aí não haverá acordo. Também não deve estar preso à vida! A vida pode ser tirada e aí não haverá acordo. Também não deve estar preso aos pensamentos, porque também os pensamentos poderão ser tirados e aí também não haverá acordo.

## 8

O EXAME

*O Coro examina os Acidentados em presença da Multidão.*

### 1

O CORO — A que altura voaram?

OS TRÊS MECÂNICOS ACIDENTADOS — Voamos a uma altura extraordinária.

O CORO — A que altura voaram?

OS TRÊS MECÂNICOS ACIDENTADOS — Subimos a quatro mil metros de altura.

O CORO — A que altura voaram?

OS TRÊS MECÂNICOS ACIDENTADOS — Voamos a uma grande altura considerável.

O CORO — A que altura voaram?

OS TRÊS MECÂNICOS ACIDENTADOS — Erguemo-nos um pouco acima do solo.

O LÍDER DO CORO *dirigindo-se à Multidão* — Eles se ergueram um pouco acima do solo.

O AVIADOR ACIDENTADO — Eu voei a uma altura extraordinária.

O CORO — E ele voou a uma altura extraordinária.

### 2

O CORO — Foram enaltecidos?

OS TRÊS MECÂNICOS ACIDENTADOS — Não fomos enaltecidos o suficiente.

O CORO — Foram enaltecidos?

OS TRÊS MECÂNICOS ACIDENTADOS — Fomos enaltecidos.

O CORO — Foram enaltecidos?

OS TRÊS MECÂNICOS ACIDENTADOS — Fomos suficientemente enaltecidos.

O CORO — Foram enaltecidos?

OS TRÊS MECÂNICOS ACIDENTADOS — Fomos muitíssimo enaltecidos.

O LÍDER DO CORO *para a Multidão* — Eles foram muitíssimo enaltecidos.

O AVIADOR ACIDENTADO — Eu não fui suficientemente enaltecido.

O CORO — E ele não foi suficientemente enaltecido.

### 3

O CORO — Quem são vocês?

OS TRÊS MECÂNICOS ACIDENTADOS — Somos os que sobrevoaram o oceano.

O CORO — Quem são vocês?

OS TRÊS MECÂNICOS ACIDENTADOS — Somos alguns de vocês.

O CORO — Quem são vocês?

OS TRÊS MECÂNICOS ACIDENTADOS — Não somos ninguém.  
O LÍDER DO CORO *para a Multidão* — Eles não são ninguém.  
O AVIADOR ACIDENTADO — Eu sou Charles Nungesser.  
O CORO — E ele é Charles Nungesser.

4

O CORO — Quem os espera?  
OS TRÊS MECÂNICOS ACIDENTADOS — Muitos nos esperam  
além-mar.  
O CORO — Quem os espera?  
OS TRÊS MECÂNICOS ACIDENTADOS — Nosso pai e nossa mãe  
nos esperam.  
O CORO — Quem os espera?  
OS TRÊS MECÂNICOS ACIDENTADOS — Ninguém nos espera.  
O LÍDER DO CORO *para a Multidão* — Ninguém os espera.

5

O CORO — Então quem morrerá, se vocês morrerem?  
OS TRÊS MECÂNICOS ACIDENTADOS — Aqueles que foram  
enaltecidos demais.  
O CORO — Então quem morrerá, se vocês morrerem?  
OS TRÊS MECÂNICOS ACIDENTADOS — Aqueles que se ergue-  
ram um pouco acima do solo.  
O CORO — Então quem morrerá, se vocês morrerem?  
OS TRÊS MECÂNICOS ACIDENTADOS — Aqueles que ninguém  
espera.  
O CORO — Então quem morrerá, se vocês morrerem?  
OS TRÊS MECÂNICOS ACIDENTADOS — Ninguém.  
O CORO — Agora sabeis:  
Ninguém  
Morrerá, se vocês morrerem.  
Agora eles atingiram  
Sua menor dimensão.

O AVIADOR ACIDENTADO — Mas eu, com meu vôo,  
Atingi minha maior dimensão.  
Tão alto quanto eu voei,  
Ninguém voou.  
Eu não fui enaltecido o bastante, eu  
Não poderei ser enaltecido o bastante.  
Não voei por nada nem por ninguém.  
Voei por voar.  
Ninguém me espera, eu  
Não vôo em sua direção, eu  
Vôo para me afastar de vocês, eu  
Jamais morrerei.

9

#### ENALTECIMENTO E DESAPROPRIAÇÃO

O CORO — Agora, mostrem  
O resultado de seu esforço.  
Pois só  
O resultado é real.  
Entreguem, portanto, o motor,  
As asas e o trem de aterrissagem. Tudo  
O que lhe permitiu voar, tudo  
O que construíram.  
Abandonem-no!  
O AVIADOR ACIDENTADO — Eu não o abandono.  
O que é  
O avião sem o avião?  
O LÍDER DO CORO — Tomem-no!  
*O avião é tirado dos Acidentados e levado para o outro canto  
do estrado.*  
O CORO, *durante a desapropriação, enaltece os Acidentados* —  
Levantem-se, aviadores. Vocês transformaram as leis da  
Terra.

Durante mil anos, tudo caiu de cima para baixo,  
Com exceção dos pássaros.  
Nem mesmo nas mais antigas pedras  
Encontramos qualquer testemunho  
De que algum homem  
Tenha atravessado os ares voando.  
Mas vocês se ergueram  
Próximo ao fim do segundo milênio de nossa era.

OS TRÊS MECÂNICOS ACIDENTADOS *subitamente apontam para o Aviador Acidentado* — O que é isso, olhem!

O LÍDER DO CORO *rapidamente para o Coro* — Entoem o "Totalmente irreconhecível".

O CORO *cercando o Aviador Acidentado* — Totalmente irreconhecível  
Está agora o seu rosto,  
Gerado entre ele e nós. Pois  
Aquele que de nós precisou  
E de quem nós necessitamos, esse alguém  
Foi ele.

O LÍDER DO CORO — Este homem  
Tinha um cargo  
Mesmo que usurpado.  
Arrancou de nós o que precisou e  
Nos negou o que necessitávamos.  
Por isso seu rosto  
Se extingue com seu cargo:  
Ele só tinha um!

*Quatro participantes do Coro discutem por cima dele.*

PRIMEIRO — Se é que ele existiu...

SEGUNDO — Existiu.

PRIMEIRO — Ele era o quê?

SEGUNDO — Não era ninguém.

TERCEIRO — Se é que ele era alguém...

QUARTO — Não era ninguém.

TERCEIRO — Como se fazia para vê-lo?

QUARTO — Dando-lhe uma ocupação.

OS QUATRO — Quando ele é chamado, ele nasce.  
Quando ele é transformado, ele existe.  
Quem precisa dele, o conhece.  
A quem ele é útil, o engrandece.

SEGUNDO — E apesar disso ele não é ninguém.

O CORO *junto com a Multidão* — Aquilo que aqui jaz sem cargo

Não é mais humano.

Morra agora, você não-mais-humano!

O AVIADOR ACIDENTADO — Eu não posso morrer.

OS TRÊS MECÂNICOS ACIDENTADOS — Você se afastou do curso das águas, homem.

Você não esteve no curso das águas, homem.

Você é muito grande, você é muito rico.

Você é singular demais.

Por isso não pode morrer.

O CORO — Mas

Quem não pode morrer

Também morre.

Quem não sabe nadar

Também nada.

## 10

### A EXPULSÃO

Um de nós,

Com rosto, figura e pensamento,

Perfeitamente igual a nós,

Deve nos deixar. Porque durante a noite passada

Foi marcado e,

Desde hoje de manhã, seu hálito está podre.

Seu corpo se decompõe. Seu rosto,

Que nos era familiar, já se torna desconhecido.  
Homem, fale conosco. Esperamos  
Sua voz no lugar de sempre. Fale!  
Ele não fala. Sua voz  
Não sai. Não tenha medo agora, homem. Porém,  
Agora você deve partir. Vá logo!  
Não olhe para trás, vá  
Para longe de nós.

*O cantor que interpreta o Aviador deixa o estrado.*

## 11

### O ACORDO

O CORO *dirigindo-se aos Três Mecânicos Acidentados* — Mas  
você, que estão de acordo com o curso das coisas,  
Não voltem a mergulhar no Nada.  
Não se deixem dissolver como o sal na água. Do con-  
trário,  
Ergam-se,  
Morrão sua morte como  
Têm realizado seu trabalho,  
Revolucionando uma revolução.  
Morrendo, não se preocupem com  
A morte.  
Mas recebam de nós a tarefa  
De reconstruir nosso avião.  
Comecem!  
A fim de voarem para nós,  
Aonde precisarmos de você  
É no momento em que for necessário. Pois  
Nós os  
Exortamos a marchar conosco. E, conosco,  
Transformar não somente  
Uma das leis da Terra, mas sim  
A lei fundamental:

De acordo com a qual tudo será transformado,  
O mundo e a humanidade,  
Antes de tudo a desordem  
Das classes sociais; pois a humanidade se divide em duas:  
Exploração e ignorância.

OS TRÊS MECÂNICOS ACIDENTADOS — Estamos de acordo  
com a transformação.

O CORO — E lhes pedimos:  
Transformem nosso motor e aperfeiçoem-no,  
Façam aumentar a segurança e a velocidade,  
Mas não esqueçam o objetivo na pressa da partida.

OS TRÊS MECÂNICOS ACIDENTADOS — Aperfeiçoaremos o  
motor, a segurança e  
A velocidade.

O CORO — Abandonem isso tudo!

O LÍDER DO CORO — Avante!

O CORO — Quando tiverem melhorado o mundo,  
Melhorem, então, o mundo melhorado.  
Abandonem-no!

O LÍDER DO CORO — Avante!

O CORO — Quando, ao melhorar o mundo, tiverem comple-  
tado a verdade,  
Completem, então, a verdade completada.  
Abandonem-na!

O LÍDER DO CORO — Avante!

O CORO — Quando, ao completar a verdade, tiverem trans-  
formado a humanidade,  
Transformem, então, a humanidade transformada.  
Abandonem-na!

O LÍDER DO CORO — Avante!

O CORO — Transformando o mundo, transformem-se!  
Abandonem a si mesmos!

O LÍDER DO CORO — Avante!